

Manifesto PPRI

**77 ANOS
DE CONTINUA NAKBA**

**É urgente ajudar os palestinos
a derrotar o cerco genocida do sionismo
e do imperialismo *desenvolvendo
a luta de classes contra os governos
cúmplices do genocídio***

 Cumprem-se 77 anos desde que fora criado o estado de Israel. Os sionistas firmaram o pé na Palestina massacrando milhares de homens, mulheres e crianças. É o que os palestinos lembram como "Nakba", a catástrofe, que deu começo ao genocídio e à limpeza étnica praticada em uma escala nunca antes vista. Porém, seu planejamento começou bem antes de 1948. Em fins do século XIX e começos do século XX, o sionismo organizava e sistematizava os métodos e meios a serem utilizados para erguer o estado de Israel como um enclave às forças e estados imperialistas. Com a decisão da ONU de criar o Estado de Israel sob ditames dos EUA e cumplicidade da URSS burocratizada, o plano imperialista-sionista teve seu batismo com 750 mil palestinos expulsos das terras, e milhões que foram forçados ao exílio. Centenas de cidades e povoados foram apagados do mapa. O estado sionista - um braço do imperialismo para impor seus ditames no Oriente Médio - recorreu aos massacres e ao holocausto para ocupar as terras, roubar recursos e



criar uma plataforma desde a qual os monopólios submeteriam as nações árabes, explorariam seus recursos e iriam modificar as fronteiras nacionais de acordo com os seus interesses.

É esse percurso histórico que deu um salto à frente após 7 de outubro de 2023. Milhões de palestinos estão sob o cerco militar e são forçados a emigrar ou enfrentar sua aniquilação. Dezenas de milhares de mulheres e crianças foram

trucidadas. Moradias, hospitais, escolas, universidades, etc. foram reduzidos a pó. Milhões vivem entre escombros e se deslocam de um canto a outro dessa terra arrasada em que se transformou Gaza. Os palestinos são condenados à morte por inanição ou por doenças, e passam seus dias em uma subsistência inumana. Todo o necessário à vida lhes é negado. Famintos que procuram comida entre escombros ou pela ajuda humanitária viram alvo de franco-atiradores, aviões, drones e tanques. Centenas de jornalistas, médicos e enfermeiros foram massacrados. São milhares os prisioneiros e os torturados nos campos de concentração sionistas que são chamados de "prisões". Colonos sionistas realizam pogroms e roubam propriedades dos palestinos. Assistimos à maior operação de limpeza étnica deste século, só comparável ao holocausto judeu pelos nazistas e aliados.

Começamos nosso manifesto de ano passado, assim como neste manifesto, relatando as barbaridades sionistas, que não tem limites. O que relatávamos em 2024 ficou aquém da violência [continua |>](#)

genocida que hoje vivenciamos. As fotos dos palestinos que assassinam os estragos da carnificina, da fome e doenças se assemelham às fotos daqueles cadavéricos seres humanos que surgiam dos campos de extermínio nazista. Gaza é um campo de extermínio, e agora é a Cisjordânia que segue. É nesse quadro de absoluta barbárie e desumanização que o gabinete de genocidas de Israel aprovou, em 5 de maio, a expansão da ofensiva militar e a colonização definitiva de Gaza. É uma comprovação fática que não haverá nunca um Estado palestino, ainda que na forma de caricatura e governado pelos traidores da Autoridade Nacional Palestina/ANP, enquanto continuar a existir o estado de Israel. Está claro que o objetivo do genocídio é a limpeza étnica e o deslocamento forçado da população palestina para outros países. Essa é a "solução final" dos sionistas para os palestinos apresentada sob o caricaturesco nome bíblico de "Carruagens de Gideão". Esse é ainda o plano compartilhado pelos EUA, que visa transformar Gaza em um negócio imobiliário e energético em benefício do capital financeiro e dos monopólios.

Sob pressão da nova ofensiva, o Hamas apresentou uma proposta para alcançar um cessar-fogo e o fim da guerra, além de uma troca de prisioneiros, com a condição da retirada total das forças sionistas de ocupação, a reconstrução da infraestrutura e até aceitaram a criação do "comitê comunitário independente" para administrar Gaza, mas, negaram-se a ser desarmados. Essa organização que representa um povo orgulhoso, corajoso e disposto a oferecer suas vidas por sua autodeterminação, são uma expressão, e das mais elevadas, da moral revolucionária que um povo oprimido é capaz de expressar sob brutal opressão e massacres em luta contra seu opressor. Por isso, é vergonhoso assistir ao espetáculo grotesco dos países árabes defendendo o cessar-fogo e exigindo o desarma-

mento do Hamas e milícias que encarnam a decisão dos palestinos a resistirem a sua aniquilação e expulsão. O Hamas não deporá suas armas até que um Estado palestino seja estabelecido, afirmou. Israel sabe que não haverá conciliação com o Hamas - não há, aliás, como verdugo e vítima se pôr em acordo sobre qual o meio e método para essa ser aniquilada - e, por isso, seguirá sua ofensiva em Gaza até que o Hamas "se renda, desarme e exile seus líderes militares". Exigir o mesmo que o sionismo faz dos governos árabes colaboradores do holocausto palestino. Entretanto, quanto mais se afundam os governos árabes na cumplicidade com os genocidas, mais preparam sua própria sepultura pelas massas oprimidas e exploradas insurretas em luta pela sua independência e autodeterminação perante o imperialismo.

Há uma guerra declarada dos opressores contra os oprimidos. Trump e Netanyahu são suas faces mais cínicas e assassinas. Cabe aos oprimidos declarar a guerra total contra seus inimigos. Não adianta exigir à ONU, à Corte International de Justiça ou ao Tribunal Penal International que condenem e punam os genocidas. A condenação e punição desses carniceiros será a obra das massas insurretas em luta pela sua autodeterminação, sob o programa e estratégia da revolução proletária. A batalha dos palestinos sob a bandeira da Palestina livre não é apenas dos palestinos para sua sobrevivência, mas é parte da guerra civil que a classe operária deve travar para acabar com a barbárie capitalista que ameaça afundar a humanidade sob os escombros e os ossos de milhões dos povos, nações e classes oprimidas. A erradicação total das forças econômicas e políticas que trucidam e destroem povos e nações oprimidas acontecerá com a derrubada da burguesia e seus governos, com a luta revolucionária mundial.

Está mais vigente do que nunca a afirmação de nosso manifesto

para o dia Ação Global por Gaza, de 26 de abril: *"Em um genocídio de um povo oprimido, ou se está incondicionalmente de seu lado, ou se está do lado dos genocidas e seus cúmplices. Por isso, não há como em meio ao genocídio apoiar o governo burguês de Lula que continua deixando drenar petróleo para tanques e aviões que massacram palestinos. Que continua deixando à embaixada sionista no Brasil intervir nos assuntos internos do país, manejando as forças de segurança, perseguir militantes e comprar parlamentares e jornalistas e até mídias inteiras, como a Globo, para fazer sua propaganda imunda do holocausto como um ato civilizatório".* Eis porque "Romper com o governo se tornou uma exigência incontornável da vanguarda e de todos aqueles que lutam contra o genocídio. É por meio da ação unitária, nacional e radicalizada das massas que se imporá ao governo a ruptura imediata e incondicional de todas as relações do Brasil com Israel".

Para cumprir como essa tarefa, o obstáculo a ser superado em nosso país e no mundo todo é a paralisia das direções políticas e sindicais das massas, que se negam a organizar a classe operária e os demais oprimidos sob o objetivo do estrangulamento econômico, político, militar e diplomático do sionismo atacando seus interesses no Brasil. Para isso, é preciso organizar a luta unitária das massas e, com os métodos da ação direta, e impor ao governo Lula, cúmplice do genocídio, a ruptura de todos os acordos com Israel. É assim como contribuiremos com a derrota do sionismo e a vitória dos palestinos, ajudando ao objetivo de destruição do estado sionista e constituição de um estado Palestino uno e socialista, do rio ao mar, livre de toda forma de opressão social e nacional, parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio conquistadas pelas massas árabes com a revolução proletária. Em meio dessa luta se forjará a direção revolucionária que porá fim ao sionismo e à burguesia mundial.